

Para empresariado, o que está em jogo é a modernidade do País

por Walter Clemente
do Rio

Nas fachadas de suas corporações de classe, os empresários podem defender abertamente a candidatura de Fernando Collor de Mello, do PRN, para a Presidência da República. Isolados em seus escritórios, porém, preferem a ponderação, o discurso político moderado e quase sempre o anonimato. "Vale quem ganhar", pondera um executivo de banco estrangeiro. "Sabemos que o povo está escolhendo o que quer."

É relativamente comum entre empresários a constatação de que, na sociedade brasileira definiu o seu caminho. Quem votou em Collor ou em Lula votou, grosso modo, pela mesma coisa.

Sérgio Quintela, vice-presidente da Montreal de Engenharia, considera que essa eleição pode, de maneira simples, revelar o quadro social brasileiro que a elite desconhecia em sua totalidade. "A eleição contribui para que o empresariado aceite mudanças", diz. "As resistências serão muito menores, algumas vezes localizadas."

Parece que as elites se deram conta de que a modernidade do Brasil está incompleta. O diretor comercial de uma grande empreiteira e construtora acredita que o jogo dessa eleição termina na modernidade do País. Em seu setor, a modernidade se traduz em moralidade nas concorrências, para que a competitividade se faça por qualidade, prazos e preços. "Vale

até o lobby", argumenta. "Mas apadrinhamentos e comissões tornaram-se insuportáveis."

Os empresários preferem Collor, mas não temem Lula. O presidente de um grande banco estrangeiro no Brasil pondera que o grande adversário de Lula é ele mesmo, que carrega uma carga grande de rejeição popular. Revela certa simpatia pela maneira com que o Partido dos Trabalhadores (PT) pretende renegociar a dívida, colocando todos os negócios em sindicância. "Politicamente, a proposta tem", "appeal", diz. Qualquer que seja o vencedor, a dívida terá de ser discutida e negociada. O problema, segundo os banqueiros, fica mais centralizado na inflação interna e no equilíbrio

das finanças públicas. Um governo Lula poderia causar expectativas, mas nenhuma restrição.

Sérgio Quintela vota em Collor. O PT trabalha com propostas muito radicais para o País, além das reformas que considera necessárias. Quintela acha muito grande a chance de Collor e está convencido de que o envolvimento empresarial não decide essa eleição.

Os dispositivos institucionais controlariam o radicalismo do PT, no caso de Lula ser eleito. Quintela, contudo, teme a repetição do quadro político de 1961 a 1964, quando o Executivo tentava tirar "na marra" decisões do Legislativo. "O governo Lula será absorvido, mas a absorção não será tranquila", diz.